



RECIPIENTES PARA ALIMENTAR A ALMA: MULHERES NEGRAS E A RACIALIZAÇÃO DO CUIDADO

Andressa Farias Barrios¹
Marcio Rodrigo Vale Caetano²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar através da linguagem visual, a representação do feminino afim de compreender a partir de uma perspectiva histórica, o lugar ocupado pelo corpo negro, trazendo como viés a dualidade entre o corpo para o trabalho e o corpo para o prazer. Além disso, visa levantar a identidade da mulher negra, a presença das amas de leite localizadas no tempo e no espaço histórico, em que sua representatividade e significados não se esgotam. Nas esculturas desenvolvidas a ideia do feminino se manifesta através dos objetos em formatos de recipientes de argila que insinuam o corpo da mulher em forma de ventre, os seios ficam à mostra. A parte referente ao ventre mostra-se oca, apta a receber, assim como um recipiente.

Palavras-chave: Mulheres Negras. Corpo. Arte.

“Não se nasce mulher, passa a sê-lo”
Simone de Beauvoir


Nasci, tornei-me mulher. Cresci numa casa de mulheres negras, que trabalhavam duro, criavam seus filhos sem participação ativa masculina, não contavam com muita colaboração dos homens para quase nada. Sempre tive interesse por tudo que envolvesse o universo feminino, o meu universo, as emancipações, os abusos, os direitos, as explorações, as conquistas, as violações, o poder de gerar outras vidas, de alimentar, de acolher. Esses assuntos causam-me o encanto e o espanto, instigam-me a buscar mais, afim de entendê-los melhor e, conseqüentemente, entender a mim mesma. É por esta razão que falar do universo feminino me soa tão familiar e, paradoxalmente, ainda é um enigma a ser desvendado.

No passado os seres humanos estavam mais próximos da natureza, ela era venerada e temida como uma divindade poderosa e respeitada, vista como algo sagrado e misterioso. Através da cerâmica um material que sobreviveu ao tempo, podemos refletir acerca da história das civilizações ancestrais. A cerâmica era feita com finalidades de uso cotidiano,

¹ Mestranda em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande; Pesquisa realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES; andressa.barrios@hotmail.com.

² Docente na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), mrvcaetano@gmail.com





como recipientes para alimentação do corpo, ou ritualístico, recipientes usados para alimentar a alma.

Entre as possíveis explicações para entendermos as relações míticas entre a mulher e a cerâmica uma delas seria o fato de ambas passarem por transformações: a mulher todos os meses transforma-se ao menstruar, seu corpo transforma-se ao engravidar, a cerâmica tem sua matéria transformada através do fogo e, de maleável e moldável torna-se rígida. Do mesmo modo como no ventre das mulheres há uma espécie de recipiente gerador e mantenedor de vidas, os recipientes cerâmicos são usados para manter e preparar os alimentos. Ambas são semelhantes pelo formato de receptáculo, assim como o órgão reprodutor feminino.

Este trabalho tem como propósito evidenciar através da linguagem visual, a representação do feminino, a fim de abordar questões relativas às buscas individuais de identidade. Além disso, visa levantar a identidade da mulher negra, a presença das amas localizadas no tempo e no espaço histórico, a sua representatividade e significados não se esgotam. A imagem das ama é até hoje reapropriada e reelaborada em movimentos sociais.

A figura da mãe preta, ainda que tenha adquirido novos contornos em nossa história recente, mantém o estigma da subordinação e a naturalização da subserviência. Não basta colocar o cuidado como questão política, se não houver questionamentos sobre quem se beneficia desse serviço. A “mucama permitida” (GONZALEZ, 1980) precisa dar lugar a outras possibilidades de existência de mulheres negras, o combate ao racismo, machismo sem dúvidas perpassa a desconstrução de tais representações.

Fornecendo assim uma visão contemporânea da mulher negra como objeto representado nas artes plásticas.

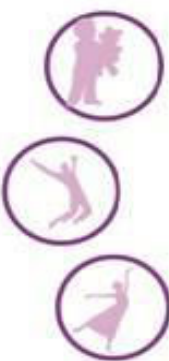
A cerâmica foi o suporte eleito para que a força do universo feminino se mostrasse em minha produção. Através deste material moldável, reflito-me como mulher negra, pesquisadora e artista. Nesta busca de mim mesma através da argila, reencontro-me como minhas ancestrais.

A mulher negra é esperada a força, a bravura, como se tivesse que dar conta do mundo. Essas imagens, contudo, acabam por naturalizar violências sofridas como parte da identidade supostamente fortalecida.

O mito de que a mulher negra é “mais forte” ou “mais resistente a dor” é a máxima do racismo brasileiro, plantado ainda no período da escravidão no Brasil e que até hoje permanece naturalizado.

Sobretudo é necessário partir de um questionamento: Como é visto o corpo da mulher negra em nossa sociedade? Se partirmos da perspectiva histórica, precisamos discutir





primeiramente o lugar ocupado pelo corpo negro desde o processo de escravização. Há uma distinção em relação a ocupação do corpo negro e do corpo branco, são lugares distintos e bem demarcados. Lélia Gonzalez demarca a tal distinção da seguinte forma:

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural no negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (...) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (GONZALEZ, 1982, p. 15).

A demarcação do lugar ocupado pelo povo negro, já demonstra também a demarcação ocupada pelo corpo como forma de rechaçamento social, de exclusão e de exploração desse corpo. Nesta perspectiva, ao pensar o corpo da mulher negra, este acaba ocupando o lugar de corpo que é submetido a um controle social, voltado para o trabalho forçado e para o sexo forçado, que pode ser entendido como tentativa de domesticação e/ou disciplinização do corpo da mulher negra. Para Michel Foucault, tal tentativa exerce:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. (...) ‘Adestra’ as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios (FOUCAULT, 1987).


A opressão sofrida por mulheres pretas é estritamente maior, pois, além do machismo, somos oprimidas pelo racismo institucional instaurado na sociedade. Não afeta somente as oportunidades de ascensão social, mas também, nossa afetividade, constantemente. A imagem da mulher negra sempre disponível e pronta para servir, ainda existe.

Nas esculturas desenvolvidas a ideia do feminino se manifesta através dos objetos em formatos de recipientes de argila que insinuam o corpo da mulher em forma de ventre, os seios ficam à mostra. A parte referente ao ventre mostra-se oca, apta a receber, assim como um recipiente. Todavia, esses ventres se encontram cheios de uma possível vida. As peças se revelam tanto em seu conteúdo formal, planejadas e estruturalmente pensadas, como conceitual.

Os recipientes, potes, vasilhas, tigelas, bacias, cumbucas, tudo está ligado ao universo feminino, todos estes elementos estão presentes nos cotidianos das mulheres há milênios de anos, a mulher como agregadora da família que cozinha, amamenta, serve, carrega vida em seu ventre. Aquela que acolhe a dor.

Cada peça contém um elemento dentro de seu ventre, estes elementos dialogam com minhas experiências pessoais. O conjunto de todas é, na verdade, apenas uma única mulher.





Cada escultura representa simbolicamente todas as mulheres. O corpo da mulher, tanto na antiguidade, quanto nos dias atuais, ainda mantém significado de recipiente de vida, sangue, dores, sentimentos e sensações. Os objetos trazem em si uma forte intenção de situar o papel da mulher, principalmente a negra, na arte e na vida contemporânea.

E se nunca se encaixaram como sexo frágil qual é então a representação que recebe essa mulher? A da negra subserviente seja por seus atributos domésticos ou por seus atributos físicos, que são vistos sempre como sedutores e disponíveis. Nota-se que essa representação descreve uma mulher sempre pronta a servir, em primeiro lugar destaca-se a figura da mãe preta, aquela mulher negra que cuida com seus dotes domésticos e culinários da família colonial, e que atualmente reconfigura-se no papel das empregadas domésticas.

As obras de Rosana Paulino contrapõem os discursos reiterados da mulata sensual, da negra exótica, da servidora, seja da escrava ama de leite ou da babá contemporânea. A sua produção gira em torno das imagens de mulheres negras e mestiças, referindo-se aos espaços domésticos e funções sociais. Retrata a formação da identidade da mulher negra, permeada pelas condições de trabalho, pelas relações de poder e pelo preconceito racial.

A servidão do corpo negro feminino enunciado como exótico e erótico, estabelece o papel social de servir aos outros, incisivamente presente na experiência de muitas delas ainda hoje, também é abordado por Paulino na obra *Ama-de-leite* (2008). São gravuras impressas em preto e branco sobre tecido que são expostas na parede da galeria, formando um quadro maior. Cada uma dessas gravuras apresenta uma imagem feminina, possivelmente de uma escrava. Também mostra mulheres cuidando de crianças ao modo de tribos africanas, carregando-as nas costas, e outras ainda com os seios à mostra.

Em cada uma das imagens, dos seios saem longas fitas brancas de cetim que se ligam às garrafas dispostas no chão da galeria. Nessas garrafas estão fotografias mescladas às fitas que as preenchem. A instalação alude claramente à ação de amamentar, ao leite branco que sai dos seios e alimenta os bebês. Desse modo, a imagem parece constituir uma crítica da exploração dos corpos das mulheres utilizadas como amas de leite. A fita branca pode nos indicar simbolicamente as amarras sociais e culturais.





Rosana Paulino, Ama de leite, 2008.

<http://omenelicksegundoato.blogspot.com.br/2010/05/mulher-negra-e-artista-estetica-critica.html>

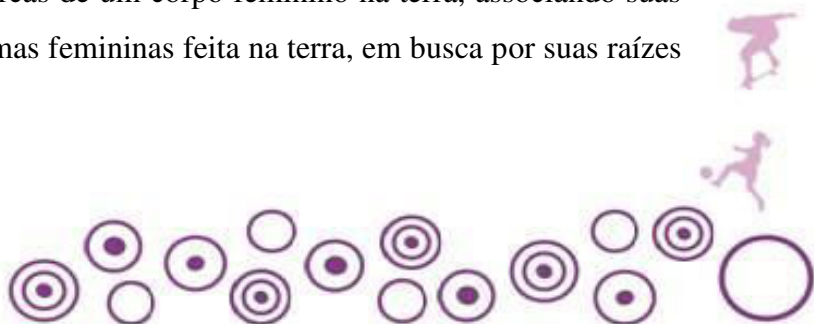
Rosana Paulino, brasileira e referência enquanto artista plástica na sua abordagem sobre as mulheres negras brasileiras e a violência despejada sob essas mulheres, desde a invasão do Brasil. Seu trabalho caminha para um lugar de descolonizar nossa história e memória em uma poética que traduz o apagamento e o silêncio das mulheres negras da terra.

E Regina Galindo, guatemalteca que se utiliza da performance e seu corpo para falar do peso que ela como mulher latino-americana carrega.

Sobre o corpo das mulheres latino americanas está inscrita a história da humanidade. Sobre seus corpos conquistados, marcados, escravizados, objetificados, explorados e torturados pode-se ler as nefastas histórias de luta e poder que formam nosso passado. Corpos frágeis somente na aparência. É o corpo da mulher que sobreviveu a conquista e a escravidão. Que como pedra guardou o ódio e o rancor em sua memória para transformá-lo em energia e vida (GALINDO, 2013).

São as mães negras que moldam o duro português adotado como língua nos processos de socialização instaurado entre elas e os nhonhôs, de forma que “a ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que fez com a comida: machucou-as, tirou-lhe as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles” (FREYRE, 2006, p. 414).

A artista Ana Mendieta, representa o feminino através de sua autorrepresentação em suas silhuetas. Em busca de livrar-se de um forte conteúdo cultural que o corpo feminino carrega, seja através da exaltação da beleza ou do receio da conotação de objeto sexual. Mendieta encontrou uma forma de representar seu corpo diretamente na terra, associando suas energias, com os elementos naturais, marcas de um corpo feminino na terra, associando suas energias com os elementos naturais. Formas femininas feita na terra, em busca por suas raízes e origens.





Ana Mendieta, Siluetas, 1970.

O objetivo deste trabalho é mostrar o corpo feminino como um grande ventre (recipiente). A artista Frida Kahlo pintou muito de seu sofrimento em vida, representando-o de modo forte, bravo, mostrando o quanto os traços profundos dessa dor tinham atingido seu corpo e seu espírito. Eu ao contrário, não expesso minhas angústias através do corpo ferido, mas do potencial que ainda há nele. O corpo de cerâmica oco, o próprio vazio. Porém esse oco é cheio de sonhos e presságios, as mulheres negras recipientes se enchem e doam como uma mãe amorosa.

O feminismo negro aponta as violências que as mulheres negras estão submetidas, denunciando a diferença entre negras e brancas, dentro da pirâmide social as negras são as mais empobrecidas, têm seus corpos hipersexualizados, são as maiores vítimas de feminicídio (61%, de acordo com o Ipea), são preteridas em entrevistas de emprego, ocupam postos de trabalhos precarizados desde cedo, têm menos acesso à educação e mesmo aquelas que conseguem vencer a opressão e atingir posições de destaque, são frequentemente confundidas como serviçais e subalternas, não que seja algum demérito ser babá, atendente ou faxineira, mas não se pode negar que esse tipo de “confusão” não costuma acontecer com mulheres brancas. Naturalmente já é esperado que a mulher negra seja a servente, nunca a chefe.





Processo de criação



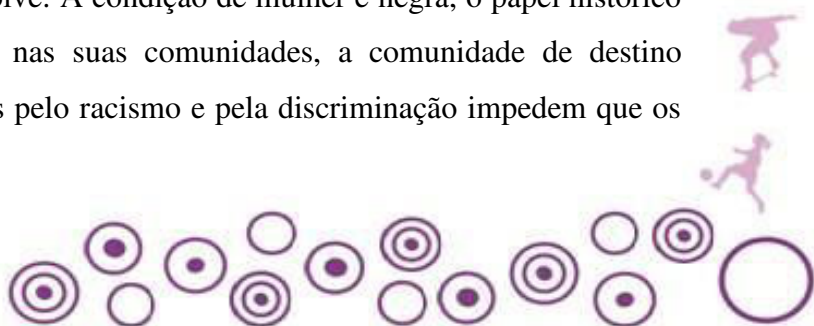
(Exposição no prédio das artes FURG, 2017)




(Exposição no prédio das artes FURG)

Levando em consideração o processo histórico, desde a escravização, é possível perceber que corpo negro foi passado por vários processos de aprisionamento, dilaceramento, inferiorização e até mesmo de classificação, tudo isso de acordo com as vontades e interesses do “dono”.

Sueli Carneiro (2002, p. 181) aponta o papel da mulher negra em sociedade e apresenta as particularidades que as envolve: A condição de mulher e negra, o papel histórico que as mulheres negras desempenham nas suas comunidades, a comunidade de destino colocada para homens e mulheres negras pelo racismo e pela discriminação impedem que os

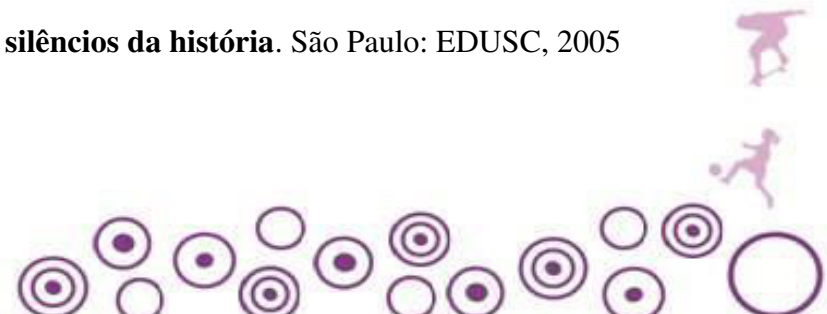




esforços de organização das mulheres negras possam se realizar dissociados da luta geral de emancipação do povo negro.

Portanto, o ser mulher negra na sociedade brasileira se traduz na tríplice militância contra os processos de exclusão decorrentes da condição de raça, sexo e classe. Isto é, por força das contradições que o ser mulher negra encerra, recai sobre ela a responsabilidade de carregar politicamente bandeiras históricas e consensuais do movimento negro e do movimento de mulheres e somar-se ainda aos demais movimentos sociais voltados para a construção de outro tipo de sociedade, baseada nos valores da igualdade, solidariedade, respeito a diversidade e justiça social. É possível perceber que o corpo em discussão, historicamente, passa de condição humana, para uma condição de corpo coisificado, pois servia e alimentava toda sorte de perversidade sexual que tinham seus senhores, sendo contraditória tal postura, ora satisfazendo o desejo sexual, ora desprezadas e servindo para o serviço braçal.

Referências

- BEAUVOIR, S. de. **Segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difel, 1970.
- BITTENCOURT, Renata. **Modos de negra e modos de branca: o retrato “baiana” e a imagem da mulher negra na arte do século XIX**. 2005. Dissertação de Mestrado (História da Arte e da Cultura) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CARNEIRO, Sueli. **Ennegrecer al Feminismo: La situación de la mujer negra en América Latina desde una perspectiva de género**. In: NQF. v. 24, n. 2, 2005.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva, “**Nas Fímbrias da Escravidão Urbana: Negras de Tabuleiro e de Ganho**”. São Paulo: Estudos Econômicos, 1985.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: o legado da raça branca**. São Paulo: Dominus Editora; Editora da Universidade de São Paulo, 1965.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. Poder - corpo. In: **Microfísica do poder**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal; apresentação de Fernando Henrique Cardoso**. 48. ed. São Paulo: Global Editora, 2003.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005
- 



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

